

# A FIGURA GENEALÓGICA DO MONSTRUOSO: CORPOS DEFORMADOS, DESMEDIDOS E REPUGNANTES<sup>1</sup>

Alexandre Filordi de Carvalho

Universidade Federal de São Paulo

## Resumo:

O objetivo do artigo é o de colocar em questão os valores homotópicos ao redor do corpo. O texto pretende construir uma cartografia de problematização para além do jogo significado-significante estético e subjetivo quando se trata do corpo. Para tanto, leva-se em consideração o filme *Mangue Negro* tomando-o como disparador caótico para a crítica genealógica. Por seu intermédio, encontra-se o monstruoso personificado na figura do zumbi. A hipótese é a de que o zumbi pode ser um conjunto estético potencialmente capaz de abalar um conjunto de domínios responsável por fixar e engessar o sujeito contemporâneo em uma territorialidade de sentidos, de semiotização, de significantes, de corporeidade enrijecida, padronizada e, certamente, consumível. Será, contudo, necessário compreender três dimensões. Primeiro, o que se pode dizer do lugar donde emergem os zumbis, o próprio mangue? Segundo, quais as implicações para se pensar o corpo na atualidade a partir do instante que se assume e se aceita o zumbi como figura monstruosa? Finalmente, o que se pode extrair, por consequência, para a constituição de subjetividade, isto é, sob qual proporção o fato de se considerar o zumbi em uma dimensão semiótica pode afetar a autoestetização, a semiótica corporal dos sujeitos?

**Palavras-Chave:** Corpo; subjetividade; estética; monstros.

**Abstract: The genealogical figure of the monstrous: deformed bodies, rambling and disgusting.** The aim of this article is calling into question the values homotopic around the body. The text aims to build cartography of questioning beyond the game significance- significant of aesthetic and subjectivity when it comes to the body. To do so, it takes into account the movie *Mangue Negro* taking it as chaotic trigger for genealogical critique. Through it is embodied in the monstrous figure of zombie. The hypothesis is that the zombie can be a set of aesthetic potentially capable of shaking a number of domains responsible for fixing and plastering the contemporaneous subject in a sense of territoriality, semiotication, significant corporeity toughened, standardized, and certainly consumable. It will, however, need to understand three dimensions. First, what can tell the place where the zombies emerge, even the swamp? Second, what are the implications for thinking the body today from the moment that it accept and assume the zombie as a monstrous figure? Finally, what can extract, therefore, for

---

<sup>1</sup> Este texto é parcialmente a reconstrução da apresentação realizada por mim no ciclo *Horreur à la brésilienne: discours, corp, cinema*, realizado pelo LABEDISCO – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, juntamente com o Grudicorpo/CNPQ – Grupo de Estudos do Discurso e do Corpo, no quadro das pesquisas desenvolvidas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O evento se deu na *Maison du Brésil*, Paris, em 2011. Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Nilton Milanez pelo convite e pela oportunidade desta publicação. Dedico este texto à Cynthia Agra de Brito Neves, que o viu nascer sob o frio de Grénoble, em fevereiro de 2011.

the constitution of subjectivity, or under what proportion considering the zombie in a semiotic dimension can affect the autoaesthetic and the body semiotic of the subject?

**Keywords:** Body, subjectivity, aesthetics; monsters.

Não encontramos notícias de zumbis nas manchetes cotidianas dos noticiários. O flagelo pejorativo, usado em alguns casos, pode inverter o valor do substantivo para qualificar todo tipo de anormalidade. Às vezes, então, deparamo-nos com algo na grande mídia: um anormal como zumbi. Um fantasma morto-vivo, insistindo em viver. São seres a carregar em seus modos de ser todo tipo de bizarrices, de espantos, de estigmas, de monstruosidades, no sentido foucaultiano, ou seja, o dispar à norma, o anormal. Eis o ser-zombie: um vivo a vagar no mundo normativo cuja visibilidade ameaça o próprio estatuto das normas.

Este mundo, em sua maneira de tratamento ao monstruoso, reduplica-se no imaginário artístico. Difícil ponderar se se trata de um encontro da realidade com a arte ou da arte com a realidade. Os monstros se encontram nos rostos pintados por Bosch, Bruegel, Bacon, Freud; estão presentes nos laudos médico-legais que estipularam o normal e o patológico; escandidos na visibilidade acanhada do cinema periférico ou da pretensa arte demagógica do escárnio – monstro personificando a maldade, a malícia, o delírio, a insídia, a maldade, o terror, o feio, o imponderável, o modo de ser terrível, a vida inclassificável.

Refletir sobre o lugar do monstruoso em nossa sociedade é tentar olhar a constituição da tapeçaria de nossa subjetividade por seu revés. Por de trás da pretensa harmonia do que pensamos ser, esconde-se os fios amarrados de uma tessitura subjetiva em caos: uma tentativa “para tentar circunscrever uma subjetividade longe dos equilíbrios dominantes, para captar suas linhas virtuais de singularidade, de emergência e de renovação” (GUATTARI, 1992, p.99). A temática do monstruoso, assim, pode revelar os modos tendenciosos pelos quais insistimos em conectar os sentidos da vida com a

mesquinha de valores e de significantes que criamos para ela. De tal modo, o monstro acaba por lançar luz às nossas experiências com as constituições de subjetividades – como nos tornamos sujeitos do que somos? Mas o monstro também é indício do que há na vida concernente aos domínios das diferenças, da anormalidade, dos saberes periféricos, das rostidades singulares, do modo de ser infame, do onírico perdido no excesso de demanda do real, aterramento igualitário da existência. O monstro é uma denúncia à platitude existencial.

A proposta em torno do tema a figura genealógica do monstruoso: corpos deformados, desmedidos e repugnantes, pretende colocar em questão os valores homotópicos ao redor do corpo. O texto pretende construir uma cartografia de problematização para além do jogo significado-significante estético e subjetivo quando se trata do corpo.

Para tanto, levamos em consideração o filme *Mangue Negro*<sup>2</sup>, tomando-o como disparador caótico para a crítica genealógica. Por seu intermédio, encontramos o monstruoso personificado na figura do zumbi. A hipótese é a de que o zumbi pode ser um conjunto estético potencialmente capaz de abalar um conjunto de domínios responsável por fixar e engessar o sujeito contemporâneo em uma territorialidade de sentidos, de semiotização, de significantes, de corporeidade enrijecida, padronizada e, certamente, consumível.

Será, contudo, necessário compreender três dimensões. Primeiro, o que pode nos dizer o lugar donde emergem os zumbis, o próprio mangue? Segundo, quais as implicações para

<sup>2</sup> “Depois que um mangue é contaminado de forma inexplicável, uma comunidade humilde é chacinada por zumbis. Mocinho e mocinha lutam para sobreviver e, como se fosse possível, encontrar uma cura” (MANGUE Negro, 2008, Sinopse).

pensarmos o corpo na atualidade a partir do instante que assumimos e aceitamos o zumbi como figura monstruosa? Finalmente, o que podemos extrair, por consequência, para a nossa constituição de subjetividade, isto é, sob qual proporção o fato de considerarmos o zumbi em uma dimensão semiótica pode afetar a nossa autoestetização, a nossa semiótica corporal?

### **Genealogia e crítica aos valores: o lugar do monstruoso**

A genealogia, de Nietzsche a Foucault, não marca um encontro. Ela é sempre da ordem do imprevisto, do acaso, do impensável. Ela nos remeta a um começo sem origem, sem sentido prefigurado. Para ela, na história do que somos e de como chegamos aqui sendo o que somos, não existe um ponto fixo, referente concordante. No filme *Mangue Negro*, a genealogia nos remete ao “sumidouro”: lugar mesclado por terra e água, mistura informe presente no mangue que a tudo draga, submerge, sucumbe, faz desaparecer por ingestão.

A partir do campo genealógico, indagar por quais processos, pouco importando suas razões, e como os zumbis aparecem, torna-se algo sem sentido. De fato, não saberíamos jamais explicar o que está em jogo no que o zumbi é em sua monstruosidade, senão alguns traços, poucas pistas e suspeitas, e quase nenhuma explicação plausível. Certamente o filme nos deixa milhares de buracos por meio dos quais a possível compreensão emergente do zumbi se tornará, de modo constante, um vazio de sentido. Não conseguimos, então, decifrar a figura monstruosa do zumbi. É preciso admiti-la como tal, provavelmente como faríamos com qualquer tipo humano, animal, feérico.

À medida que os espaços conjugados com a percepção e a afetação dos personagens do filme se desenrolam, deixamos de entrever verdades conectadas com o esperado. A genealogia, de modo semelhante, consiste justamente em mostrar as verdades fora de seus significantes intransponíveis. Por exemplo: a ideia superficial que compreende e sustenta uma concepção do zumbi atrelada

apenas à sua monstruosidade, quando as coisas podem ser bem mais densas, pois todas as formas, humanas ou não, possuem intensidades que desandam as intenções unitárias das possibilidades de compreensão.

Desconsiderar as permutas dos componentes de intensificação semiótica dos corpos, suas relações diferenciais, mesmo nos casos dos zumbis, é impedir suas próprias existências idiossincráticas. Cada corpo, cada zumbi emerge de uma economia de fluxos semióticos gerais, confusos e transitivos. A partir do zumbi uma estranheza se esboça segundo seus corpos e seus espaços corporais, já que se trata senão de um tipo de intensidade de expressão semiótica, sempre num vir a ser, encontrada em cada uma de suas particularidades.

Com efeito, a noção de intensidade nos permite escapar de toda série de binarismos como quer, por exemplo, a escatologia da normalidade-anormalidade.

A problematização da intensidade nos corpos zumbis, referente às suas constituições, remonta-nos ao valor da atipia. A atipia indica o vazio e a ausência dos sentidos tipificados de antemão por um quadro de significações identitárias. Perante os zumbis, encontramos com a desarticulação dos sentidos e das significações. Seus corpos são cobertos de uniões funcionais desconhecidas e segmentarizadas, portanto, os zumbis são grandes ameaças aos corpos alocados por arranjos funcionais controlados. Tudo o que se afastou da condição humana normal e de seu estatuto de normalidade, nos zumbis se assenta como intensificador a afirmar e a dispor em seus corpos a própria anormalidade, o que vai até aos seus signos existenciais e à própria razão de ser dos zumbis. Assim é que os zumbis assumem a feiura, a sujidade, a deformação, a repugnância, a podridão, a desmesura, a combinação plástico-corporal improvável.

Se indagarmos, contudo, quais gêneros de ligações ou de vinculações as imagens dos corpos dos zumbis têm com o seu entorno e também conosco, veremos que a nossa escala de valores tipificados nos distancia deles, pois as atipias dos zumbis nos lançam para uma zona de sombra. Isto se deve ao fato de o zumbi surgir como um acontecimento. E

como em todos os acontecimentos, não conheceremos deles a não ser uma breve perspectiva.

O acontecimento, marca inegável da genealogia, apenas pode ser considerado à luz de uma miríade de singularidades. Se cada zumbi é tomado como um acontecimento, não podemos esquecer as séries de elementos singulares correlacionados aos seus corpos, igualmente acontecimentos. Sendo assim, só há zumbi devido à circunscrição de acontecimentos possíveis com outras singularidades acontecidas e em acontecimentos. A questão que se impõe, então, é a seguinte: quais são as singularidades em emersão que remarcam o acontecimento zumbi?

No caso do filme *Mangue Negro*, do começo ao fim, o mangue é a zona atípica de produção de acontecimentos. Não à toa, é de lá que os zumbis emanam. O mangue, neste caso, é uma linha demarcativa; território de transição cuja travessia não ocorre sem o se sujar de lama, sem o se escorregar e o se atolar, sem ser envolvido por suas misturas de odores, em meio a uma atmosfera pútrida a emanar toda sorte de decomposição orgânica. O mangue é um terreno movediço e informe. Recanto obscuro, isolado e alvo de histórias populares, o mangue divisa a consistência entre a terra e a água; às vezes margeia o mar; outras vezes, se mistura com a sua plena abertura, com todas as suas variedades de movimentos.

A terra, entretanto, apresenta-se de outra maneira. Pela possessão humana, ela se tornou um lugar habitável. Ao passo que o homem nela avançou, seus contornos e limites se modificaram mais intensamente. Este planeta, por conseguinte, veio a ser um lugar múltiplo e, ao mesmo tempo, recanto produtivo de multiplicidades. Mais do que o mar, o homem dominou a terra. Neste caso, testemunha sua própria geografia de dimensões variadas capaz de afetar diretamente todos os seres que coexistem com ela, conquanto por ela também sejam afetados. Podemos nos encontrar em meio aos desertos, às montanhas, aos platôs, aos campos, às floretas, etc. Na terra, as possibilidades são vastas, seja porque sobre ela somos constantes migrantes, gente em

movimento, habitantes repletos de desejos para povoá-la ou explorá-la, seja porque sobre ela, ao contrário, podemos nos tornar localizados, fixados, sujeitados, territorializados, enfim, referenciados e subordinados a poucas coordenadas: somos do leste, do oeste, do sul, do norte, ocidentais ou orientais; ou ainda somos nela hierarquizados: do primeiro mundo, do terceiro, emergentes, da primeira classe, da segunda, etc.

Apesar de todos os campos de compreensão possíveis acerca do mar ou da terra, o mangue se destaca por ser uma mistura dos dois elementos: água e mar. Terreno de variável mistura, o mangue é sinônimo de fluidez em condensação, portador de elementos inconstantes, terra em fundição. Nele ainda encontramos o que representa a corrupção dos elementos orgânicos e inorgânicos que se entrelaçam se desfazendo e se refazendo mutuamente: combinação, fusão, amálgama, mistura, confusão, desordem, mescla, miscelânea, algo nem terra nem água – lugar heteróclito, lugar produtor de diferenças.

Esse pedaço de mistura, espaço terra-água-água-terra inclassificável na consistência, coloca em crise as demandas ordinárias de definição e de classificação; solapa a vontade de saber classificatório, taxonômico. Assustaríamos ao tomar a definição dada pelo Petit Robert à terra: “elemento sólido que abriga os seres vivos e onde crescem as vegetações”. Eis uma compreensão advinda da vontade classificatória. O espantoso, todavia, não é o reducionismo dos termos, porém, a presença de significantes a descartar a coexistência do mangue na própria terra. Primeiro: terra, elemento sólido que abriga os seres vivos; o mangue pouco comporta de solidez, a final, é justamente o contrário que se trata. Segundo: terra, elemento sólido no qual crescem as vegetações; como permanecem os vegetais dos manguezais? Eles estão em um solo movente, que a tudo deglute e devora, inclusive a sua própria superfície.

A solidez da terra, ademais, imporá a todo tipo de fluxo de águas uma dependência cartográfica pouco flexível. Fechamento de fluxos a delimitar rios, lagos, lagos, o mar

com os seus contornos. Em uma ideia, a terra é estruturalista. Ela concede as condições exigentes e necessárias para que os fluxos de água sejam caracterizados de tais e tais modos. A terra forja a sua própria identidade, o seu onde começa e onde termina, bem como os circuitos e as direções das águas. Com efeito, a terra é um princípio de identidade inequívoco.

Mas o mangue solapa a estrutura da terra e a sua identidade. Ele não é portador nem da firmeza da terra nem do fluxo fugidio das águas. Nele, a terra se funde em misturas de elementos dando lugar a uma matéria informe. Espécie de *limbus*, o mangue é uma região mal definida, vaga e incerta em suas propriedades substanciais. Região cuja situação é mal definida, isto é, região sem cadência significativa. No limite, o mangue diz respeito a toda série de recusas à uniformização dos elementos generalistas da matéria e das identidades. Não é espantoso, assim, que os zumbis, seres formados e surgidos a partir de todas as possibilidades informes, desgraçadas, misturadas; seres portadores de conexões funcionais improváveis e irregulares, estranhas às classificações e às ordens psicopatológicas, possam, enfim, emergir do manguezal.

O quadro genealógico do zumbi, desta forma, revela-nos a sua correlação com a resistência à taxonomização da existência. E neste nível, o zumbi pode muito bem nos indicar, pelo ser que é, a resistência à rostidade normativa e à vida classificada. O corpo-zumbi anuncia a decomposição estrutural e, ao mesmo tempo, funcional do corpo generalizado; questiona os lugares e as relações dos corpos com as séries tipificadas de códigos que pré-determinam a mobilidade e a estética do corpo com o desejo e os campos de suas possibilidades em constituição. O zumbi, portanto, anuncia a possibilidade de um corpo fendido, destituído de verdades que têm a ambição de codificar binariamente a existência.

### **Corpos zumbis, corpos delirantes: a rostidade normativa do corpo à deriva**

Como sabemos, desde Deleuze, Guattari e Foucault, os binarismos ganham contorno na vida graças a uma espécie de rede operacional normativa que entrecruza a sociedade e as condições de existência. Neste caso, não podemos esquecer o que toda norma significa. De um lado, Foucault deixa claro que a norma é “entendida como regra de conduta, como lei informal, como princípio de conformidade; à norma se opõe a irregularidade, a desordem, o bizarro, a excentricidade, os afastamentos, a desnivelção” (2001, p.204). De outro lado, a norma pode ser concebida como “regularidade funcional, como princípio de funcionamento adaptado e ajustado; eis a ‘norma’ em que se oporá o patológico, o mórbido, o desalinhado, o sem função” (FOUCAULT, 2001, p. 204). Os produtores normativos histórico-sociais empreendem, por consequência, graus de normalidade a serem “sinais de afiliação a um corpo social homogêneo” (FOUCAULT, 2001, p.177).

Este diagnóstico nos permite considerar o zumbi como uma dobradiça entre o estado normal do corpo, sempre a dar sentido ao poder normativo, e o seu estado anormal, destacado da mesma dobradiça. Trata-se de compreender, então, as apostas em torno dos seres normalizados sob um entrecruzamento intercomunicável de intensidades entremeadas, pois o normal existe senão ao preço do anormal, e vice-versa. O que nos afasta, então, de uma condição de existência zumbi em sua deformidade, repugnância, desmesura, pavor e contornos corporais bizarros? O que está em jogo é uma intensidade normativa diferente de outras intensidades. Entre uma configuração corporal monstruosa e outra “normal” repousa uma série de intensidade normativa, ora ajuizada segundo uma desordem em evidência, ora julgada conforme um quadro de ordens estabelecido a partir das discursividades, práticas, jogos de enunciação, dispositivos de poder, agenciamentos científicos, saberes e poderes classificatórios, hierárquicos e incluso-excludentes.

Observamos, deste modo, a partir da argumentação de Jean-Claude Polack, que

O monstro é um canteiro de partes vivas e inertes, um agregado de objetos, de territórios de signos, desafiando, como no delírio, a “realidade natural”, as leis das ordens e das espécies, as lógicas dos discursos. Nomear-se-á de “monstro” todo aquele que, sob o pretexto de fazer corpo, coloca em relação inorgânica coisas que não pertencem aos mesmos conjuntos categorias (S.n.t, p.16)

Não nos encontramos, assim, encarando uma metáfora sobrenatural, ao contrário, trata-se de uma manifestação “natural” se compreendermos que o zumbi apenas é um monstro pelo dado normativo ao seu redor. Melhor ainda, ele é uma tipificação de um afastamento normativo encontrado nos limites da lama negra do manguezal. No mangue negro, tal como os zumbis, somos apenas “o vegetal e o animal, o natural e o construído, onde tudo isso é, de modo insolente, misturado” (POLACK, S. n. t., p.15).

Com efeito, é plausível pensarmos, ainda sob a argumentação de Polack, que

O momento dos monstros não é apenas aquele de um artifício, de um jogo propiciatório, um atentado às significações. É uma realização plástica dos componentes pulsionais captáveis em um campo fechado de “relação”: economia do prazer e do terror, de gozos e de vertigens, exploração dos possíveis do desejo (S.n.t., p.17).

Bosch, Blake, Goya, Bacon ou De Chirico. Os textos de Lautréamont, Michaux, Artaud, Kafka, Borges. Eis toda uma dimensão de exploração dos possíveis do desejo: monstruosidades como atipias ou irregularidades normativas. Pouco importa, pois entra em jogo da territorialidade dos possíveis nos corpos o zumbi a indicar uma dimensão impensada de corporeidade a preceder a ordem de uma representação. Deparamo-nos com um choque semiótico face aos corpos contemporâneos, redefinidos e recompostos a partir de uma sujeição à estética representacional predefinida.

Sob tais aspectos, podemos tomar os corpos-zumbis como são a fim de sabermos que todo o risco de afrontarmos uma estética corporal dominante faz entrar em colapso o equilíbrio preponderante das relações

significantes-significados dominantes. De maneira incontornável, as estranhezas correlacionadas às monstruosidades dos zumbis se manifestam pelas alterações de dimensões, de relação com o território e com a própria morfologia corpórea. Estamos diante da emergência de estranhezas desconhecidas; situamo-nos no epicentro de um terremoto no campo normativo; os órgãos de seus corpos entram em rebelião. Por conseguinte, podemos conceber que os zumbis correspondem a uma antropomorfização de todas as diferenças que o ser humano é capaz de assumir e suportar. E neste nível, os corpos se encontram no mundo sob o qual cada anatomia possui uma viagem e uma rostidade possível a si mesma, desvelando o seu próprio mundo de possibilidades. Cada monstro é um enigma, um convite, uma etapa, uma sondagem de possíveis do corpo sobre si mesmo.

Não se trata, assim, de lançar a indagação: qual a razão do zumbi? Este tipo de indagação nos projeta para o horizonte dos modos que se empenham a buscar justificativas que irão se impor pelo jogo do *porque*, a saber, de uma exigência a destacar o *por causa de*, ou seja, mais uma vez as finalidades. A questão que se coloca, ao contrário, concerne ao afastamento dos catálogos que se estabelecem como aproximação ou afastamento de todas as maneiras de fixação de significantes em torno das tipificações monstruosas.

Mas para além desta dimensão, a presença do zumbi e de todas as rostidades do monstruoso dissolvem, nos termos de Aude D’Achon e citado por Polack,

As formas das formas, as associações do/dos sentidos, as origens e as transformações de matérias em mutação, a loucura zoológica e teratológica, o exotismo do imaginário que devora e esmaga as formas “naturais” e finitas para instaurar uma “ordem” própria que não tem senão a intenção de rememorar nossos esquecimentos (S.n.t., p.27).

Estamos, assim, no centro de um tresloucar de esquemas perspectivistas. Neste caso, “os corpos do delírio são justamente seus corpos – corpos de todos os zumbis – sem órgãos, sem fronteira, sem limites e sem

mortes” (POLACK, S.n.t., p.28). O monstro se torna um ajuntamento de plasticidades a transbordar os limites de conexões e de funcionalizações estéticas. Ele permite novos contornos de heteromorfismos plausíveis de aparição.

Enquanto vemos as aparições dos zumbis no *Mangue Negro* damos conta de que eles são monstruosos na mesma medida que advêm tanto do oco do manquezal quanto eles portam sobre seus corpos aquele próprio oco. Corpos sem órgãos, como ponderava Guattari (2011), não se reduzem às funções dos arranjos do organismo em si. Os corpos sem órgãos são dotados de potências fora dos circuitos teleológicos funcionais como é peculiar a qualquer organismo. Nele, tudo pode desejar, tudo pode caminhar, tudo pode pegar, soltar, ser, gozar. O impactante nos zumbis é justamente a presença deste corpo oco e vazio de estruturas orgânicas prévias. Se o organicismo se inscreve e reivindica a vida como condição de resultado de uma organização vital, por oposição ao vazio de organização prévia, nos zumbis, encontramos uma maneira que em nada presume a organização dos elementos funcionais.

Sendo assim, com os zumbis passamos a conhecer uma morfologia vaga. O problema, então, que os corpos dos zumbis deflagra é também o da própria qualificação dos corpos, pois os corpos são sempre componentes de intensidades. As canalizações das intensidades distintas quando colocadas em relação, por acaso ou intencionalmente, liberam novas maneiras de o corpo se constituir e se apresentar como campo de intensidade. Ao surgirem os zumbis no *Mangue Negro*, vemos produzir um novo campo de ação para os corpos que antes se ligavam aos zumbis apenas por rumores ou pelas historietas de delírio referentes ao “sumidouro”, o profundo do profundo no manguezal, o lugar do visível não-visível.

Com a aparição, entretanto, desvairada e concreta dos zumbis, apesar de suas manifestações desordenadas e ensandecidas, ocorre uma mudança geral na dinâmica territorial do mangue e nos indivíduos que ali habitam. Os zumbis passam a anunciar a necessidade de eles se desgarrarem de todas as condições de sedentarismos em torno dos

corpos outrora fixados e pré-funcionalizados em todo tipo de condicionamentos. “Tendo perdido a sua ‘consistência de referente’, o muro de significado pode ser passado e um novo tipo de corte semiótico se instaurar em sintonia com outras matérias de expressão” (GUATTARI, 2011, p.109).

A emersão dos zumbis do não-visível na dinâmica da vida significada dos habitantes do mangue coloca em xeque e problematiza todas as séries de estetização humana, sobretudo aquelas remarcadas pela expressão fastidiosa da normalidade. A partir de então, os corpos-zumbis tornam um contrassigno, um sintagma fora da rede de equivalentes significantes capazes de coroar os valores majoritários concernentes aos sistemas estabelecidos de funções-significantes. Neste caso, a farta argumentação de Guattari nos auxilia neste entendimento:

Toda sintaxe de rostidade coroa, hierarquiza e ajusta as diversas formações de poder normalizantes. As coordenadas significantes de um mundo “normal” são exibidas e reguladas a partir de fórmulas de rostidades estabelecidas (os protótipos de homem, de mulher, de criança, etc, normais em tal instante da história, em tal país, em tal situação social, considerando tal modo, etc). Nas sociedades capitalistas, o mundo apenas se torna humano, racional, universal na medida em que ele consegue ser subjetivado em torno de tais fórmulas. [...] Toda ameaça contra a ordem estabelecida se projeta sobre a rostidade. Inversamente, todo questionamento da rostidade é indício de uma subversão social potencial (2011, p.100).

A partir do instante que somos colocados vis a vis com a rostidade dos zumbis pouco dela suportamos. Suas dimensões, suas misturas, suas dissimetrias, suas desmesuras e exageros, suas deformações, suas feiuras, seus dejetos, o que são, enfim, tornam-se repugnantes aos nossos olhos. Talvez por que sejamos constituídos nos limites fechados das trocas simbólicas e culturais tão regulares e reguladas, distantes dos traços de expressões fluidas, de variações estéticas intensas e diferentes, de modos de variedades singulares chocantes e aceitáveis. Impelidos na direção

dos campos de similitudes, somos, ao mesmo tempo, habituados à planificação geral do mundo em meio a todo tipo de fusão significativa unificadora e redutora, capazes de remeter a constituição dos sujeitos ao centro de potências e de pontos de redundâncias. Com isso, podemos bem dizer: “a rostidade normal, normada, se incrusta, assim, constantemente como decalque na paisagidade normal. É ela que desencadeia o sentimento de significação de pertencimento a um território, é ela que dá o sinal de aprovação” (GUATTARI, 2011, p.81).

### **Considerações finais: a afirmação do corpo sem captura normativa redundante**

Podemos deduzir a partir do exposto alguns delineamentos capazes de assinalar para a tentativa de pensarmos a abertura dos fluxos potências de novos esquemas de semiotização para o corpo contemporâneo, corpo sem captura normativa redundante e global. A partir do zumbi, encontramos toda uma série de possibilidades para “desestabilizar a trama de redundâncias dominantes, a organização do já classificado, ou se preferirmos, a ordem do clássico” (GUATTARI, 2000, p.32). A rostidade e os corpos da monstruosidade dos zumbis quebram as linhas das possibilidades concernentes a todas as imagens paradigmáticas para o corpo normalizado. Estamos, assim, perante a possibilidade de corpos assignificados, portanto, todas as formas e maneiras de plasticidade estética e de experiência somatoestética são plausíveis de irromperem. O que conta, afinal, é a dimensão aberta de possibilidades estéticas junto ao corpo cuja formação sempre é da ordem do virtual: corpo informe e incompleto, corpo sem órgãos. Este corpo não quer existir conforme o parâmetro da norma ou do padrão estético regular. Doravante, somos permitidos a testemunhar um princípio de metamodelização do corporal.

Tal é a potência de subverter a ordem da vida constituída e de todos os seus esquemas operativos concernentes à sua manutenção que os habitantes do mangue devem se munir de estratégias e de manobras de embates

capazes de lhes assegurar uma sobrevida, ao passo que eles devem matar os zumbis. Perguntamo-nos, deste modo: não são o choque e o combate inevitáveis entre os habitantes do mangue e os zumbis partes dos incontornáveis processos de lutas, de ataques e de contra-ataques, de acusações e de defesas entre poderes normativos e poderes desviantes, em uma ideia, entre o normal e o anormal?

De toda maneira, tudo isso não nos deixa de denunciar as apostas presentes em uma mecânica social dominante que cobre o tecido social de modo bipolar, espécie de jogo maniqueísta: ou somos X ou Z, ou normais ou anormais, ou somos bons cidadãos ou um perigo para o Estado, ou somos portadores de belos rostos, agradáveis, felizes, bem apessoados, etc., ou caímos no risco de experimentar a invisibilidade social, o sumidouro existencial.

Nesta sociedade bipolarizada sempre há uma correlação do corpo com um significativo mestre, cuja unificação dos seus sentidos consiste em dragar as dissonâncias estéticas capazes de perturbar e de confundir os fluxos de intensidades estéticas outrora consagrados. Não é sem sentido que “o universo de significações dominantes não tolera nenhuma fuga a qual ele não possa controlar” (GUATTARI, 2011, p.102). No caso dos zumbis, a intolerância ocorre pois os componentes semióticos neles implicados são capazes de transgredir as redundâncias semióticas, seja porque os zumbis profanam nosso campo de percepção e de afetos – *perceptus* e *affectus* –, seja porque eles segmentarizam todos os campos de experimentações estéticas relativas aos reducionismos dirigidos para uma comunidade de expressão.

Encarnando todas as possibilidades de heteromorfias e de heterotopias, os zumbis são uma ameaça aos corpos mesmificados pelo fato de portarem, neles mesmos, todas as possibilidades de anomalias: cada zumbi é um corpo anormal desejando uma mais-valia de anormalidade. Portanto, é justamente o contrário que sobre nós se assoma. E desta maneira, pouco importando a nossa territorialização, não somos nós todos habitantes de um tal *Mangue Negro*?

## Referências

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **L'inconscient machinique**: essais de schizo-analyse. Paris: Éditions Recherches, 2011.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**MANGUE Negro**. Direção: Rodrigo Aragão. Produção: Fábulas Negras. Intépretes: Valderrama dos Santos; Kika de Oliveira; André Lobo; Reginaldo Secundo; Markus Conká; Maurício Ribeiro; Ricardo Araújo; Antônio Lâmega; Júlio Tigre. 2008. (105 min.).

POLACK, J-C. **Le corps, la carte et le monstre**. Revue Chimere, S.n.t. Disponível em: [http://www.revue-chimeres.fr/drupal\\_chimeres/files/05chi03.pdf](http://www.revue-chimeres.fr/drupal_chimeres/files/05chi03.pdf). Acesso em: 26 de abr. 2013.

*Recebido em: 05 de dezembro de 2012*

*Aceito em: 13 de janeiro de 2013.*